

# *Privilégio apenas de uma minoria*

Na semana passada, um grupo de alunas da EEPG Charles de Gaulle ensaiava uma coreografia para a festa do Dia da Criança. Antes, na oficina de artes — uma pequena casa de dois cômodos onde morava o vigia da escola, mas que estava abandonada —, elas terminaram de fazer as roupas que usariam na dança: saia e bustiê de papel crepom, enfeitados com flores de papel espelho. Tudo muito colorido. Durante o ensaio, as meninas não reclamavam quando a professora avisava que iriam repetir o número e se divertiam quando alguém errava o passo.

Essas meninas podem ser consideradas privilegiadas, juntamente com os garotos que com elas formam o grupo das 94 crianças que participam do Profic e ficam na escola das 8 horas às 4h30 da tarde. Eles estão no ciclo básico, união da primeira e da segunda séries primárias, e além de almoçar e ter aulas de reforço participam da oficina de artes e de atividades de recreação. Só que na escola existem mais mil crianças que ainda não podem ter essa oportunidade.

“No dia da escolha dos alunos, a fila era imensa, mas os próprios pais foram conversando e discutindo quem tinha mais necessidade”, lembra o diretor da escola, Isaías Pereira de Souza. “O ideal seria atender a todo mundo, mas aí eu precisaria de um exército.”

O Profic começou a funcionar em fevereiro, mas o almoço só passou a ser servido no segundo semestre, “quando chegou a verba”, disse Isaías Pereira. E no chão, porque lá não existe refeitório. A escola fica no Itaim Paulista, um bairro pobre da cidade: “A função imediata do Profic foi ajudar na alimentação, mas ele está ajudando no desempenho da criança na sala de aula”.

Divididas em três grupos, as crianças passam a tarde toda na escola. “Aprendi a fazer uma boneca. Antes eu ficava em casa, assistindo televisão”, contou Valdirene Colaris, de 10 anos, que já repetiu o primeiro ano duas vezes. “Eu não gostava de estudar, agora a professora é mais legal.” As mães estão satisfeitas: “Minha filha está bem guardada”, afirma Severina Correia da Silva, lavadeira, que trabalha o dia todo.

O número de alunos em cada turma é bem menor que o dos que ficam na sala de aula, no período da manhã; por isso, a professora tem mais tempo para se dedicar a cada um. “A criança passa a gostar da escola em função do Profic. Eles acham que a escola normal é parada. Este já é um sinal de que eles estão se tornando mais críticos”, afirma Célia Maria Monti Viam Rocha, diretora da EEPG Dr. Lauro Celidônio, também no Itaim Paulista. “Estamos pensando na educação global, não só na oportunidade de dar alimentação às crianças. O Profic está motivando as crianças. Não é só um critério assistencialista, queremos educar melhor.”

Para os diretores, as crianças estão tendo as oportunidades “de se equiparar culturalmente” aos estudantes da classe média que vão ao professor particular, têm aulas de piano, balé e natação. “As crianças daqui não têm essa chance e precisam dessa oportunidade.” Para Isaías e Célia, também foi importante a liberdade que a Secretaria da Educação deu aos diretores para elaborar as atividades, desde que seguissem algumas orientações.

“Eles nunca tiveram a oportunidade de desenvolver esses trabalhos. Nem material disponível”, afirma Hilda Santos Ferrioli, professora de artes. Ela já ensinou meninos e meninas a fazer bonecas de pano, cestos com palitos de sorvete, flores de papel, vasos de bambu e a bordar em talagarça. “No começo, por não estarem acostumados, eles tinham medo do pincel, pois o máximo que faziam na sala de aula era pintar folhas mimeografadas. Agora, eles estão aprendendo a se soltar”, afirma a professora. No mês passado, os meninos fizeram os instrumentos e montaram um espetáculo na escola, dublando um grupo de rock. “Na idade deles, o desenvolvimento da criatividade é muito importante. Mas fora da escola, as crianças não têm quem lhes dê incentivo.”